

## Sérgio Rodrigues – *O drible*

São Paulo: Companhia das Letras, 2013

Valdemar Valente<sup>1</sup>

Nelson Rodrigues, em uma de suas crônicas, afirma que “nossa literatura ignora o futebol” e reitera: “Nossos escritores não sabem cobrar um reles lateral” (Rodrigues, 1997, p. 70). Sobre essa máxima, a narrativa brasileira, de algum modo, concorre para que o país pentacampeão mundial não ratifique nas letras o destaque no futebol. Nos últimos anos, contudo, essa situação tem se mostrado diferente, a partir de uma série de textos de ficção sobre o esporte das quatro linhas. Assim, *O drible*, romance de Sérgio Rodrigues, constitui-se na possibilidade de o futebol associar-se como tema à literatura contemporânea. Tendo o jornalismo esportivo como meio capaz de estabelecer vínculos com a memória de um tempo, o texto configura situações surpreendentes.

A crônica de Murilo Filho é o pontapé inicial da narrativa como motivo que faz do drible de Pelé no goleiro uruguaio Mazurkiewicz um acontecimento recriado como matéria épica. Por sua vez, Neto, o filho de quem se reaproxima, não é nem um pouco atraído pelos lances imortalizados nas repetições em vídeo. O gol perdido por Pelé na partida semifinal da Copa do Mundo de 1970 entrou para a história como jogada de gênio. Para Murilo Filho, tudo seria diferente depois do gol perdido. No entanto, a beleza do futebol não vive dos lances excepcionais, mas das imagens registradas em sua memória, na qual pontifica Peralvo, um craque excluído do rol da fama. O futebol tem seus caprichos e, do mesmo modo que o chute de Pelé riscou a trave direita dos uruguaiois, Peralvo consagra-se apenas em seu afeto.

O reencontro entre pai e filho tem no futebol um elo responsável pelo quase improvável. A volta ao passado remete ao tempo do futebol como essência de um estilo que consagrou alguns craques e postergou outros tantos. O passado é imutável, mas se faz preciso ir até ele, o que Neto se delibera a cumprir quando visita o pai. Da memória do cronista jorram narrativas sobre ídolos, o que serve ao filho para cerzir o tecido

---

<sup>1</sup> Doutor em ciência da literatura e professor de literatura brasileira da Universidade Castelo Branco e da Faculdade Paraíso, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: [valdemarvalente@gmail.com](mailto:valdemarvalente@gmail.com)

esfarrapado pela ausência. O futebol recompõe cenas perdidas no tempo, quando o leitor se vê impelido a participar de acontecimentos importantes da história brasileira. O culto aos ídolos do futebol revela reminiscências, trazendo do fundo do baú o fio de uma esperança que implica essa aproximação. Neto, que pouquíssimas vezes acompanhara o pai aos jogos, passa à condição de depositário de suas memórias.

A relação do filho com a atividade de cronista do pai resume-se a poucas lembranças, entre as quais as de cronistas como João Saldanha, Armando Nogueira e Nelson Rodrigues. Do último, guarda a marca de suas frases de efeito, a exemplo do “envelheçam” (Rodrigues, 1997, p. 93), que dizia aos mais jovens. O Maracanã, por sua vez, é uma imagem distante, e Murilo Filho pontifica na crônica esportiva e na boemia carioca, não lhe restando tempo para mais nada senão reafirmar seu prestígio. A ideia de fazer com que o filho atuasse nos dentes de leite do América não passou de um capricho do jornalista vaidoso. Neto submetete-se ao sadismo do pai, sendo alguém para quem o futebol nada representa.

Nesse reencontro, a pergunta sobre o suicídio de sua mãe tem do pai a resposta sobre um ex-jogador do Bangu que também se suicidou. Assim, *O drible* traz de volta as lembranças como acerto de contas, partindo de um encontro que pavimenta o descaminho entre pai e filho. Murilo Filho, torcedor do América, tem sua crônica condenada à obsolescência, como a crise que se abate sobre seu clube de coração. O cortejado homem de imprensa tenta juntar os cacos da memória gloriosa com o que resta do futebol. Idas e vindas trazem Neto do passado ao presente, quando vai ao Recanto dos Curiós visitar o pai que lhe recompõe o território da ausência a partir da história dos grandes craques. O revisor de livros medíocres recupera no cronista a explicação do passado em suas lacunas.

A exemplo de Bentinho, que tenta unir as duas pontas do novelo, a partir das memórias da infância em Mata-Cavalos, recuperada na réplica da casa que manda construir no Engenho Novo, Murilo Filho é uma espécie de Dom Casmurro que busca recontar a crônica que o liga ao filho. No entanto, Neto se compraz em conquistar garçonetes, balconistas e caixas de farmácia, ao entabular uma carreira de sedutor, ainda que extremamente modesta, se comparada com a de seu pai. Além das aventuras amorosas, coleciona botões e rótulos de produtos com o prazo de validade vencido, recuperando o universo das coisas em

desuso, a exemplo do exercício de memória de seu pai. Desse modo, pai e filho praticam quase o mesmo jogo.

O resultado de Brasil e França pelas semifinais da Copa do Mundo de 1958 talvez fosse outro se o meio-campo francês Jonquet não tivesse a perna quebrada em um choque com o atacante brasileiro Vavá. O futebol limita-se ao imponderável. O estilo de craques como Garrincha, Cruyff, Gérson, Maradona, Puskas, Didi, Falcão e Zidane é jogado na lata de lixo da história, quando o futebol discrepa da ficção, já que os deuses desse esporte nem sempre estão de plantão. Por isso, remete-se a um homem solitário, um jogador extraordinário que passou sem que quase ninguém o tenha percebido. A memória delimita seu espaço de atuação tendo em vista a recuperação de quem, como ele, foi esquecido. Assim, Peralvo é retirado das cinzas do passado para integrar-se ao derradeiro livro do cronista decadente em um culto crepuscular ao futebol como metáfora do país.

O menino de Merequendu foi um jogador excepcional. Desse modo, a diegese muda de lugar, quando o cronista dá início à história de Peralvo, assumindo a primeira pessoa do discurso. A narrativa adentra caminhos de terra, a partir da precariedade do futebol do interior, onde, sobre a carroceria de um caminhão, o América de Merequendu, de uniformes puídos e chuteiras rasgadas, conta com o talento de Peralvo. Do América de Merequendu para o homônimo do Rio de Janeiro, dois anos depois da chegada de Murilo Filho à Cidade Maravilhosa. O cronista esportivo consagra-se em pouco tempo, indo ao América para ver os treinos de Peralvo, que amarga a reserva ante a incúria dos dirigentes. Daí um passo para apresentar o jogador às altas rodas da noite carioca como um novo Pelé. A ascensão no jornalismo esportivo coloca Peralvo no topo das matérias do *Jornal dos Sports*, construindo uma lenda que serve para reatar o fio de uma memória que se perdera na vinda de Murilo Filho de Merequendu para o Rio de Janeiro.

As narrativas se entrecruzam quando Neto, na cama de um motel com Gleyce Kelly, caixa da farmácia Belacap, trata sobre o fim da banda Kapos, na década de 1980, quando toma a namorada de Franco, parceiro em “Lobisomem punk”, hit da banda. A narrativa dá espaço ao romance de seu pai com Lúdi, a namorada que roubara do parceiro musical. Daí separar-se do pai por 25 anos. Em certo momento, ocorre a associação do cronista, suposto colaborador do regime militar, ao cantor Wilson Simonal, que foi do estrelato ao ostracismo, envolvido em um

caso de extorsão e sequestro. Do mesmo modo, Murilo Filho pertence ao passado como o futebol glorioso, a que rememora o *Jornal do Brasil*, para o qual escrevera, e mesmo Wilson Simonal, transformado em sinônimo de delação. As experiências de Neto com o Santo Daime e a terapia freudiana não dão conta da realidade medíocre do trabalho de revisor que lhe completa o que a mãe lhe deixara como herança.

As visitas de Neto ao pai lhe dão a ideia de que este não quer morrer sem antes poder entender o Brasil a partir do futebol e da mistura de raças como parte do processo de formação da nacionalidade. Para o filho, no entanto, o Brasil acabou, se é que algum dia tenha chegado a existir. A partir das reflexões de Neto, em conversas com o amigo Maxwell Smart, segue-se a constatação de que tudo já se constitui em ruína, seja o futebol que Murilo Filho busca resgatar, sejam as quinquilharias de que Neto é colecionador. O *revival* substitui a história, interessando apenas o detalhe fetichista descontextualizado. As mercadorias transformam-se em lixo, decretando o fim da história, o fim da arte, o pós-tudo. Por isso, o ódio que destila contra o pai, acusando-o, tem como resposta narrativas sobre craques como Nelinho, Rivelino, Ademir da Guia e Jair Rosa Pinto. Além disso, a senilidade de Murilo Filho o faz recorrer ao Viagra para manter um relacionamento com Uirara, mulher do caseiro Josué.

O futebol tem muito de imaginação, daí a superstição que o acompanha, a exemplo do cachorro Biriba, talismã do Botafogo; do Sobrenatural de Almeida, personagem de Nelson Rodrigues; ou da obsessão de Zagallo, último guardião dessa tolice, pelo número 13. Mas, na verdade, o que conta é o talento. Peralvo tinha dons paranormais, antecipando-se ao que iria acontecer na partida, ao identificar a cor da aura de cada adversário. Ao se transferir para o Vasco da Gama, seus dons passam a ser manipulados por um dirigente sem escrúpulos, resultando em absoluto fracasso, em uma partida contra o Santos, quando é obrigado a abrir mão de seu estilo para marcar Pelé. Traído pelos espíritos, Peralvo é agredido por torcedores, que lhe esmagam as pernas com barras de ferro, decretando o final de sua carreira. Morre enforcado, anos depois, em uma cela do quartel da Polícia do Exército, na Rua Barão de Mesquita.

A narrativa do mesmo modo serve para detectar um ponto de interseção, espécie de linha limítrofe entre a euforia por mudanças sociais que antecedeu o golpe militar e a vigência do regime de exceção

que amordaçou artistas, intelectuais, líderes sindicais e políticos de oposição. Em que pese essa violência, evidenciou-se um período anterior de plena liberdade democrática, quando se convencionou chamar os chefes da nação por apelidos carinhosos como JK e Jango, seguindo-se a isso a catadura dos chefes militares sem o menor carisma ou qualquer relação de proximidade com a população. A isso pode ser acrescido, no âmbito do texto, a distinção que o autor estabelece entre a primeira-dama Maria Tereza Goulart, considerada uma das mulheres mais bonitas do país, e a figura do Marechal Castelo Branco, um viúvo carrancudo e mal-humorado que sintetiza a imagem da truculência que se impõe com o advento da ditadura.

## **Referências**

RODRIGUES, Nelson (1997). *Flor de obsessão: as 1.000 melhores frases de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras.